

LE LIVRE DE LA CITÉ DES DAMES: UMA NARRATIVA POÉTICA UTÓPICA

Guacira Marcondes MACHADO*
Karla Cristiane PINTAR**

RESUMO: O *Livre de la Cité des Dames* foi publicado em 1405 pela autora ítalo-francesa Christine de Pisan que nasceu em Veneza em 1364, e acompanhou sua família em 1368 quando esta foi para a França, na corte do rei Carlos V. Ela foi educada pelo pai e pelo avô materno no sentido de aplicar-se continuamente aos estudos e à aquisição de conhecimentos. Sua vida vai confundir-se, até certo ponto, com sua obra na medida em que as imposições, injustiças e ataques misóginos que certamente deve ter sofrido na sociedade patriarcal em que vivia estão refletidos na sua extensa produção literária. Ela bateu-se incessantemente em defesa de uma sociedade diferente para as mulheres, de um mundo utópico tal qual se projeta em *Le Livre de la Cité des Dames*, principalmente.

PALAVRAS-CHAVE: Christine de Pisan. Feminino. Utopia. Idade Média.

*Le Livre de la Cité des Dames*¹ foi publicado por volta de 1405 pela autora ítalo-francesa Christine de Pisan, que nasceu em 1364 em Veneza, filha do médico e astrólogo Tommaso di Benvenuto Pizano, Conselheiro da República de Veneza. Ao ser convidado para trabalhar na corte do rei francês Carlos V, levou consigo a família, acontecimento de que se aproveitou sua filha, moradora agora do reino europeu que pôde ter acesso à biblioteca real que havia sido instalada na França, ainda que com restrições, pois o fato de uma mulher poder estudar

* UNESP - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras - Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara - SP - Brasil. 14800-901 - guacira.marcondes@unesp.br

** Doutoranda em Estudos Literários. UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Faculdade de Ciências e Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara - SP - Brasil. 14.800-903 - karlapintar@hotmail.com

¹ Confira Pizan (2000).

e ser estimulada a isso nessa época era algo de que só desfrutava um pequeno grupo delas, pois encontravam habitualmente muitos preconceitos. Christine fora instruída pelo pai e pelo avô materno no sentido de aplicar-se continuamente aos estudos para a obtenção de conhecimentos, ainda que sua mãe não os estimulasse e acreditasse que eles eram dispensáveis para uma mulher que seria responsável pelos afazeres domésticos e pelo casamento. Possuidora de inteligência muito viva, ela recebeu a educação dada às jovens da nobreza e, até, mais aprofundada e mais vasta, por ter inclinação genuína e irrefreável para os estudos. A vida de Chistine de Pisan vai se confundir com sua obra, até certo ponto, na medida em que estão refletidas na sua extensa produção literária as imposições, injustiças e ataques misóginos que certamente deve ter sofrido na sociedade patriarcal em que vivia. A autora bateu-se incessantemente em defesa de uma sociedade diferente para as mulheres, de um mundo utópico tal qual se projeta em *Le Livre de la Cité des Dames* (CALADO, 2003).

O rei Carlos V tornou-se aquele que aperfeiçoaria o acervo bibliográfico da monarquia, com a instalação da Biblioteca Real e de outras bibliotecas que continham não apenas obras em latim, mas a tradução da *Política* de Aristóteles e do *Songe* de Vergier, por Nicolau Oresme e Raul Presles, em 1376 e 1378 respectivamente. Essas obras marcaram o início da mudança que levaria Christine a conhecer outros autores que foram fundamentais para a criação de *Le Livre de la Cité des Dames*. Esse fato teve importância não só para os estudos de literatura e para os conhecimentos que circulavam durante a Idade Média, mas também porque marcou o início do esfacelamento de parte do poder do clero em face do monárquico: a querela entre essas duas fortes instituições, conhecida como o Grande Cisma do Ocidente, fez com que a força não ficasse mais concentrada apenas na Igreja, fato que permitia ao poder real ser anuviado pelo do clero. Os laços resistentes entre essas duas entidades começaram, portanto, a ser revistos, os quais abalaram crenças e dogmas que alicerçavam as estruturas política, econômica e religiosa da Idade Média. É importante pontuar, portanto, que a partir do início do século XIV, dentre outros acontecimentos, em decorrência do cisma, as dualidade platônicas características das obras medievais projetavam, de um lado, a defesa do modelo hierárquico da realidade vigente – sobretudo a partir dos valores da Igreja –, e, de outro, mais encobertos e literalmente condenados, os livros que tentavam questionar o modelo estático de ideias obscuras, confinadas nas catedrais e nas cortes. Aqui, inclui-se a obra de Pisan (CALADO, 2003).

Em *A República*², para reformular uma ideia de sociedade, Platão situa um diálogo de Sócrates e Glauco no qual a mulher tem posição de relevância semelhante à do homem, apontando afinidade entre os dois. Assim, o papel submisso da mulher não pode ser considerado como premissa universal atemporal, já que no discurso do grego encontra-se a visão notável da importância da mulher na constituição de seu espaço. A tendência idealista de Platão, que privilegia o papel da mulher e a função dela na sociedade, começou a ser desviada quando a Igreja Católica estabeleceu seu poder sobre a Europa. Os clérigos fizeram a população acreditar em uma visão única cristã, segundo a qual havia superioridade do homem sobre a mulher, distanciando-se dessa forma de Platão. Mas, nos anos finais da Idade Média, após o Cisma, surgiram cada vez mais reflexões que pensavam a natureza humana e a vida política da sociedade marcadas não somente pela influência eclesiástica, mas, também, por novas ciências que foram primordiais para o desenvolvimento de diferentes crenças, as quais eram financiadas pelos monarcas. Christine de Pisan vai retomar e enaltecer os exercícios virtuosos aos quais as mulheres poderiam se dedicar, escrevendo livros que recuperam o valor feminino perdido para o enaltecimento do masculino.

Todos que se interessam pela literatura feminina devem conhecer a história e a obra de Christine de Pisan. Como foi citado aqui, tendo recebido educação avançada inicialmente junto ao pai, ela dedicou-se à aquisição de conhecimentos na corte e, bem jovem ainda, aprendeu música e poesia. Ela conhecia francês, língua em que escrevia poesia, italiano e latim, no qual eram escritas as obras de história, filosofia, educação e religião e apesar de todo esse conhecimento adquirido, queixava-se do que deixara de aprender. Casou-se aos 15 anos, em 1380, com o notário e secretário real Etienne du Castel, com quem teve um casamento feliz, mas em 1388 seu pai faleceu, seguido pelo marido no ano seguinte. Ficando viúva com três filhos, a mãe e uma sobrinha, e tendo que enfrentar dificuldades financeiras, Christine começou a escrever baladas de amor para sustentar a família, as quais chamaram a atenção de ricos senhores da corte. Tornou-se uma escritora prolífica que soube servir-se de patronado, em tempos de política turbulenta, o que lhe valeu o título de primeira escritora profissional de Letras da Europa. Embora italiana de nascimento, dava mostras de um fervente nacionalismo pela França, sendo, afetiva e financeiramente, ligada à família real francesa a quem dedicava seus escritos. Permaneceu próxima da rainha Isabeau de Bavária (1370-1435), casada com o rei Carlos VI, que exercia o poder durante os

² Confira Platão (2019).

momentos de enfermidade do marido. Christine publicou uma série de trabalhos sobre a virtude de mulheres, dedicados à rainha Isabeau e referindo-se à rainha Blanche (1188-1252) que, consorte do rei Luís VIII, foi regente de seu filho Luís IX, mesmo após sua maioridade. Entre as muitas obras que escreveu nesses anos está a *Epístola de Otea a Heitor*³, na qual o herói troiano é guiado na liderança de um país e nas virtudes políticas pela deusa da sabedoria Othea, livro que teve várias edições até 1415. Entre 1401 e 1405 ainda, toma parte no debate sobre *Le Roman de la Rose*⁴, obra de Jean de Meun (1240-1305), profundamente misógina, da qual ela denuncia a indecência de propósitos, defendendo a honra das mulheres qualificadas de degeneradas por natureza. É a partir desse momento que decide escrever sobre a condição feminina. Em meio à Guerra dos Cem Anos (1337-1453) entre França e Inglaterra, Christine de Pisan publicou o sonho alegórico *Le Chemin de long Estude*⁵ em 1403, narrativa em primeira pessoa em que ela e a sibila Cumaean viajam juntas e presenciam um debate sobre o estado do mundo entre as quatro alegorias Riqueza, Nobreza, Cavalaria e Sabedoria. Christine sugere que Justiça poderia ser trazida à Terra por um simples monarca que tivesse as necessárias qualidades.

É dentro desse sucinto contexto histórico de significativas mudanças e de reformulações de pensamentos que, em curto período de tempo, Pisan escreve livros e entre eles *Le Livre de la Cité des Dames* [*O Livro da Cidade das Senhoras*], produzido entre 1404 e 1405, inserido na produção dessa copista, escritora, conselheira de príncipes, que inclui muitas obras de criação alegórica, para a reinterpretação da moral e da ética medievais, a partir de sua leitura de histórias pagãs e das parábolas bíblicas. Ao revisitar as histórias – as quais não pertencem somente à Idade Média – para ressignificar os exemplos reunidos, que valorizavam o estamento social patriarcal, Christine de Pisan, em sua condição de mulher no contexto da transição do século XIV para o XV, destoa de grande parte daquelas que pertenciam à sociedade europeia. Veremos que, diferentemente dessa parcela feminina subjugada pelo mundo patriarcal, estabelecido pelas relações de poder do século XV, ela mostrou uma liberdade incomum às mulheres de sua época, não pelas atividades a que se dedicou, mas pelas suas colocações a favor de maior espaço e importância a serem atribuídos às mulheres dentro da sociedade feudal.

A narrativa intitulada *La Cité des Dames* chama desde o título a atenção do leitor contemporâneo, por se colocar como obra literária que se destaca

³ Confira Pizan (2008).

⁴ Confira Lorris e Meung (1975).

⁵ Confira Pizan (1974).

pelas características presentes em produções medievais, mas, também, por permitir que seja aproximada de obras escritas nos tempos modernos. O papel que têm a narradora, as personagens alegóricas, o tempo e o espaço dentro da história contada lembra produções que se encontram nos séculos XIX e XX, abordadas com frequência como obras híbridas, pois nelas reconhece-se a prosa narrativa aliada a elementos da poesia. De fato, o livro de Christine de Pisan traz procedimentos que atribuiríamos à poesia pela forma como devem ser abordados, fazendo apelo ao campo poético em sua leitura: tal é o caso da presença do mito, do visível cuidado com as palavras na apresentação do assunto e da utilização de elementos que distinguem, mesmo hoje, o estilo fortemente poético de Pisan, com o auxílio da alegoria, na criação fictícia dessa nova realidade que servirá de morada às mulheres virtuosas. Para melhor determinar o que buscaremos fazer, recorreremos à definição de Tadié (1978, p.7): “[...] *le récit poétique en prose est la forme du récit qui emprunte au poème ses moyens d'action et ses effets, si bien que son analyse doit tenir compte à la fois des techniques du roman et de celles du poème.*”⁶ Tadié chama narrativa poética a esses livros onde tudo está tão bem subordinado à narrativa que é chamada assim, e não romance. Nesta abordagem estaremos chegando à obra de Pisan pela descrição das técnicas da narrativa e da poesia que ela utiliza.

Quando pensamos em narrativa poética, estamos rompendo com as artes poéticas enunciadas por Aristóteles, inserindo, de acordo com a época em que vivemos, um discurso híbrido que se ajusta ao estilo de vida de nosso tempo. É por meio de uma análise mais intrínseca da linguagem e ao trabalho com a construção alegórica que pensamos em narrativa poética em um contexto em que ela não existia. É a linguagem metafórica de Pisan que lhe permite recorrer às histórias contadas na Bíblia e na Antiguidade para chegar a uma interpretação diferente daquela do cânone patriarcal existente. Ao servir-se das constrições expressivas permitidas ao poeta, como observa Eco (1989, p.243), o conteúdo do livro de Pisan sairá modificado.

O livro contém três partes, é escrito em primeira pessoa e a autora apresenta-se, inicialmente, no primeiro capítulo da Primeira Parte, como narradora da história, que se mistura à sua biografia: “Segundo meu hábito e a disciplina que

⁶ “A narrativa poética em prosa é a forma da narrativa que toma ao poema seus meios de ação e seus efeitos, de maneira que sua análise deve levar em conta ao mesmo tempo técnicas de descrição do romance e do poema.” (TADIÉ, 1978, p.7, tradução nossa). Todas as traduções são nossas, salvo indicação em contrário.

regula o curso de minha vida, isto é, o estudo incansável das artes liberais, estava eu um dia sentada em meu estudo, toda cercada de livros tratando dos assuntos mais diversos. O espírito um pouco cansado.” (PIZAN, 2000, p.35). Christine escolhe um pequeno livro, *Les Lamentations de Mathéole*, para distrair sua mente, mas ela encontrou nele

[...] assunto muito pouco agradável para quem não gosta de maledicência, e que nada contribui para a edificação moral nem para a virtude, tendo em vista ainda a indecência da linguagem e dos temas - ela o folheia, lê o final e o abandona, para voltar a outros estudos mais sérios e mais úteis.” (PIZAN, 2000, p.36).

Percebe-se logo a finalidade das leituras e estudos de Pisan: visam a utilidade e a educação moral, porque, por suas palavras explicativas, sabe que é seguida pelo seu público que tem curiosidade de conhecer sua subjetividade feminina. Christine, no entanto, deixa-se abater pelo que leu em *Mathéole*, mesmo reconhecendo faltar autoridade ao livro, e questiona-se sobre as causas e razões que levavam tantos escritores, poetas e religiosos a maldizer as mulheres. Examinando-se, então, pois é mulher, e revolvendo essas coisas na consciência, não consegue compreender nem admitir a razão do julgamento desses homens sobre a natureza e a conduta de seu sexo.

Mergulhada nesses pensamentos sombrios, ela pergunta-se por que Deus, tão grande criador, fez uma coisa abjeta e abominável, que carrega tantos vícios e tantos males: “Ah! Senhor, como é possível? Como acreditar, sem cair no erro, que tua infinita sabedoria e perfeita bondade tenham podido criar alguma coisa que não seja inteiramente boa?” (PIZAN, 2000, p.37). Em suas lamentações, desespera-se por Deus tê-la feito nascer em um corpo feminino. Ao começar a narrativa, no primeiro capítulo do livro, Pisan, autora e narradora, exprime suas emoções, suas dúvidas e, principalmente, sua revolta por ter um corpo feminino, o que, aos olhos contemporâneos, não parece ser uma posição que diríamos feminista. No segundo capítulo dessa Primeira Parte, no entanto, a narrativa vai mudar: “Abatida por esses tristes pensamentos, abaixava a cabeça de vergonha. Os olhos cheios de lágrimas, a face na mão [...]”, ela vê descer até seu colo um raio de luz, e como que despertando de um sono profundo, vê diante dela “três senhoras coroadas, de muito alta dignidade” (PIZAN, 2000, p.38). Com essa aparição, aterrorizada, teme tratar-se de um diabo que viesse tenta-la. A chegada das alegorias Razão, Retidão e Justiça, ferramenta de que os escritores dispunham

nessa época, favorece o revezamento da enunciação e Christine de Pisan entra na narrativa agora como protagonista, estabelecendo diálogo com as senhoras, as quais vão demonstrar a dignidade das mulheres, numa crescente demonstração de convicção. Christine, então, tomando parte na enunciação, estabelece uma atitude interpretativa ideal, que redobra por antecipação as interpretações que deveriam teoricamente ser pronunciadas por todo leitor. Resolve-se o paradoxo: considera-se o autor não como encarnação do polo criador da obra, mas como um lugar a ser ocupado. O autor em Christine de Pisan é um ponto de vista sobre o texto, posição que já é a de um leitor, intérprete. A narrativa faz-se agora em parte pela protagonista, formulando a opinião dos misóginos, enquanto a alegoria se encarrega de argumentação contrária, a favor das mulheres: a autora-protagonista, como bem observa Delala (2019, p.6), ocupa quase sempre em relação ao texto uma posição de receptora, enquanto as alegorias se encarregam da contrapartida, emitindo julgamentos e conceitos, procedimentos que, certamente, permitem a Christine autora colocar suas opiniões livres de qualquer censura, risco que sem dúvida ela não deixaria de correr em uma sociedade ainda inteiramente patriarcal e autoritária. Percebe-se, portanto, que já nas escolhas enunciativas de sua narrativa Pisan deixa ver uma expressão do feminismo. Nessa primeira parte, por meio da alegoria Razão, ela direciona toda sua subjetividade posicionando-se contra o tratamento e o valor atribuídos à mulher, como faz sempre em suas obras em prosa, de cunho didático e moral, pois não aceita ocupar o lugar de uma escritora incompetente ou de um objeto sexual.

Nas narrativas poéticas o leitor encontra geralmente no texto a presença do autor, do narrador e do protagonista imbricando suas funções, que são percebidas como fundamentais para o funcionamento da obra. Em Pisan, lá na Idade Média, a autora demonstra grande domínio dos procedimentos que deverá usar para atingir seu propósito de servir-se de sua profissão, de sua arte, na verdade, para tentar corrigir as feições dos usos e costumes de seu tempo. Essa imbricação dá à narrativa a sua força, pois o leitor percebe que quem a escreve toma em mãos, com autoridade, aquilo que conta: ela escolhe os fatos que vai apresentar no sentido de mostrar sua importância ao leitor. Mas, em *La Cité des Dames*, Christine dispõe ainda das alegorias para ampliar seu papel, pois ao fazer parecer que é porta-voz das três senhoras, ela quer usar essas outras personagens, que nada mais são do que suas sombras, para poder dizer na totalidade, todo seu pensamento, tudo o que pensa sobre a condição das mulheres, e não apenas as de seu tempo. Enfim, tendo começado a escrever dedicando-se a baladas de amor para sustentar a família, Christine de Pisan tornou-se logo escritora profissional, graças a seus

grandes conhecimentos de política, história, economia. A isso deve-se o interesse que cedo manifestou pela condição da mulher de seu tempo, dedicando-se a livros de ficção sobre a educação. Utilizando procedimentos literários que eram comuns aos escritores e poetas da Idade Média, Pisan criou obras nas quais procurou ressignificar o conteúdo daquelas que foram escritas por homens, e que valorizavam o estamento social patriarcal, no qual as mulheres ocupavam insignificante ou nenhuma posição.

As Damas mencionam que houve grande equívoco na interpretação das palavras dos filósofos ao inferiorizarem as mulheres, se não mesmo um erro ao escreverem sobre isso, talvez com a intenção de construir um núcleo menor de poder, o qual comandaria toda a sociedade. Após erguidos os muros e preparados os terrenos com pedras resistentes e alicerces perenes, ao longo da primeira parte, chegou a hora de subir os castelos das senhoras virtuosas que deverão morar na cidade. Aqui, Christine, a narradora-protagonista segue os ensinamentos da Dama Retidão com menos dúvidas, pois vai compreendendo que não há imposição moral sobre a sexualidade que nasça sem uma cultura que realmente a tenha originado (LOPES, 2020), pois a identidade feminina presente é necessária para a harmonia da sociedade.

As Damas-alegorias são, dessa forma, uma espécie de expansão da primeira narradora e têm a função de permitir-lhe exprimir a verdade subjetiva de sua consciência. Elas compõem com autoridade esse tratado de educação e de saber viver, gênero conhecido na Idade Média que, como coloca a propósito Mathilde Laigle (1912, p.3),

[...] é um guia de moral e de prudência mundana, dirigido a todas as categorias de mulheres, desde a mais alta princesa à mais simples aldeã, mas ainda um tratado dos grandes problemas que preocuparam os espíritos do início do século XV, todos os traços de costumes que dão a essa época sua fisionomia tão diversa e tão agitada.

E continua Laigle (1912, p.3), “[...] a mulher que Christine quer formar não é uma madona em miniatura: é a mulher de seu tempo, que tem suas tentações e suas decepções.” As virtudes inspiradoras da obra, Razão, Retidão e Justiça têm, “[...] cada uma por sua vez, a função de ditar seus preceitos, exortações e críticas, de maneira que a autora é apenas sua porta-voz [...]” (LAIGLE, 1912, p.5). As aparições de anjos, seres sobrenaturais, as visões e sonhos, eram procedimentos usados no Medievo, mas no caso de Christine elas têm algo de mais secular

e de mais racional e, nesta obra, na sequência da narrativa em que aparecem, refletem um fenômeno psicológico que se produzia com frequência “nessa época de paixões inquietas” (LAIGLE, 1912, p.8). Assim, fica claro que as Damas vêm em auxílio a Christine na criação de uma cidade da mais alta virtude. E, para isso, com todos os exemplos e histórias, elas querem ensinar às mulheres, em sua ignorância, que façam frente à visão masculina, misógina, patriarcal e sua interpretação desfavorável, e cultivem seu conhecimento para conseguir criar outro estamento social.

Em relação ao espaço em que ocorrem os acontecimentos, já em *La Cité des Dames* é possível distinguir na narrativa a existência de um espaço real e um espaço ideal. O primeiro é o pequeno espaço em que se encontra Christine-narradora logo no início do livro, que ela descreve como sendo o aposento em que passa seu tempo a ler as obras de autores diversos, essenciais para a construção de seu conhecimento. É nesse espaço restrito, no entanto, que, juntamente com as Damas, ela vai lembrar de outros locais que contam histórias das mulheres virtuosas: Tróia, Palmira, Roma, França, etc que podem deixar perceber a amplitude do retiro de estudos de Christine.

Mas há ainda a possibilidade de existência do espaço ideal ou virtual, representado pela Cidade (*Cité*), que estará sendo edificada ao longo da escritura/ leitura da obra, com o auxílio das três senhoras em nome da autora. Ora, Tadié (1978, p. 08) observa que o espaço de uma narrativa poética “está sempre em outro lugar, ou além, porque é o de uma viagem orientada e simbólica”, como acontece nesse livro. E como acontece nesse gênero híbrido que será muito frequente a partir do século XIX, esse espaço ideal ocupa posição essencial, pois tem função de verdadeira personagem, cuja ação é determinante para o desenvolvimento dos fatos e da história. Na verdade, ao questionar a irremediável condição de clausura em seu quarto, cercada de livros em que os autores são todos detratores das mulheres, Christine é atendida pelas vozes das alegorias que se tornam suas guias na composição, toda literária, feita no papel, de uma cidade ideal onde as mulheres virtuosas serão aceitas em um novo mundo. Aqui também se verifica um dos postulados da narrativa poética, segundo verificou Tadié (1978, p.68): a semântica do espaço organiza-se por um ritmo binário. O lugar privilegiado no texto é construído contra tudo o que não é ele. Além disso, é possível observar que, se por um lado, a construção da Cidade pretende um ideal igualitário, ao procurar fugir das amarras patriarcais, e por colocar nela determinadas mulheres, instruídas, por outro, Pisan rende-se ao patriarcado quando atribui à sua ideia monumental semelhança com aquilo de que tenta escapar, isto é, outorgar

valor a uma camada social restrita, a das mulheres virtuosas, aristocráticas e com conhecimento, e não às camadas gerais da população. Desse modo, a autora reproduz em parte o discurso patriarcal que pretende afastar aquilo que é considerado prescindível à sociedade. É que Christine de Pisan estava consciente de que ela atendia às prescrições culturais de sua época, o que lhe permitia manter sua postura crítica frente àquilo que vigorava como cânone, e ao qual as mulheres não podiam ter acesso.

Quanto ao tempo, como a narrativa poética se coloca a serviço de uma busca, que no caso presente é o de mulheres virtuosas e ilustres que deverão habitar a cidade que estará sendo edificada, temos aqui uma sequência de momentos privilegiados, que vão da busca ao encontro. A busca pela construção desse novo mundo, que é uma criação alegórica para a reinterpretação moral e ética medievais da leitura das histórias pagãs e das parábolas bíblicas sobre damas submissas a Deus, traz, da parte de Pisan, uma proposta de ressignificação - possível graças a seu farto conhecimento diante do cânone, como dissemos anteriormente -, dos exemplos reunidos que antes valorizavam o estamento social patriarcal, e mergulhavam as mulheres à sombra nas análises medievais que os homens faziam sobre elas.

O paralelismo constituído pelos diálogos das três partes de *La Cité des Dames* dá um ritmo particular à leitura do texto, e retrata a maneira didática e metódica como os relatos aparecem no livro, com a finalidade de doutrinar o leitor. As intertextualidades são a reunião de diferentes discursos apresentados por um narrador que escolhe o que contar, e ao leitor cabe decifrar aquilo que se cala por trás das palavras. Percebe-se, desse modo, que para seu processo de escrita, a autora utiliza-se abundantemente da poesia: a redundância na repetição das histórias é concomitante à construção da moral e da boa conduta dos leitores.

Na Idade Média, falar de poesia e designar suas características não era um ato simples, já que o seu conceito estava estritamente ligado a muitas práticas relacionadas ao discurso retórico, o que fazia com que ela fosse vista, com frequência, com certa confusão ao determinar os limites entre prosa e poesia (CURTIUS, 2013, p.200). Assim, pode-se dizer que se na estrutura a poesia e a prosa se confundiam, no uso e construção das imagens com as palavras e no discurso envolvido elas eram mais diferenciáveis. Nessa obra de Pisan vê-se a construção de uma alegoria baseada na manipulação das palavras e no jogo de vozes femininas que há dentro dela, todas elas edificadas nas memórias resgatadas ao longo da narrativa. Assim, a Cidade é um espaço simbólico, em que a palavra

materializa a poesia à medida que constrói os significados vinculados aos valores da época e com os quais a autora trabalha para ressignificá-los. (PINTAR, 2020, p.8). A poeticidade, portanto, está ligada diretamente à autoria feminina de Pisan, pois as metáforas fazem com que ela, imersa no Medievo, possa propagar variadas interpretações das histórias contadas sem, no entanto, ridicularizar o cânone vigente ou mesmo aqueles que tinham explicações distintas das suas.

Ora, essa proposta da autora de *La Cité des Dames* integra-se na definição de utopia, tal qual vem sendo chamada qualquer descrição imaginativa de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da coletividade. A utopia (em grego, o não-lugar), que descende da tradição platônica, desde Thomas Morus, no século XVI, mas aplicável já à *Cité*, no século anterior, é um outro lugar e, não, um outro tempo. Como disse Thierry Paquot (1999) na Epígrafe apresentada em Jorge Luiz Barbosa (2003, p.25), não se trata de imaginar em um processo prospectivo, um novo mundo, mas localizá-lo, *aquí e agora*, no centro do antigo mundo, como deseja Pisan.

Em *Le Livre de la Cité des Dames* assistimos ao desmascaramento da realidade existente: trata-se dos diálogos entre Christine e as três Damas a respeito daquilo que caracteriza as mulheres, segundo o que acredita a sociedade aristocrática, patriarcal da época, misógina, pois acusa as mulheres de inferioridade intelectual, moral e física. Por meio de seus conhecimentos, Christine, em seu nome e no das três figuras alegóricas, aponta os equívocos dos homens responsáveis por essa crença (PIZAN, 2000), identificando a sociedade patriarcal, já que reina uma cultura e ideias masculinas em sua totalidade. Christine pretende denunciar as injustiças que as mulheres sofrem por conta dessa autoridade. Como o conhecimento é considerado ser propriedade apenas dos homens, a eles cabe então o poder. Christine age, assim, no sentido de buscar uma nova sociedade, na qual os equívocos, as imposições feitas às mulheres devem desaparecer.

A cidade das mulheres representa, pois, a apreensão da realidade como produto da imaginação, na qual, através do discurso, Christine de Pisan transporta seus sonhos – ideais das mulheres -, da realidade concreta para a imaginária.

Podemos incluir no gênero de utopias, os textos em formato de *exemplum* e de *speculum*, que se incluem entre os procedimentos poéticos que surgem em grande quantidade entre os séculos XII e XIII, nos quais os eruditos expressam preocupação com a educação e o comportamento dos homens e das mulheres (LEITE, 2008, p.18), e presentes nessa obra de Pisan. Jonsson (1995, p.211) observa que

[...] a palavra espelho não é somente o veículo de uma metáfora que se baseia em um modelo complexo e designa um 'livro-espelho', mas torna-se igualmente na primeira metade do século XII o lugar da junção entre uma estrutura geográfica e formas de elaboração literária que organizam o conteúdo da obra em função de uma visão particular do mundo ou do destino humano.

O *exemplum*, particularmente, é um discurso retórico, composto de curtos relatos, que tinha por objetivo convencer e persuadir um conjunto de ouvintes, como acontecia com os *exempla* retirados da história ou de lendas, principalmente da história da Antiguidade, de crônicas, de vida de Santos e da Bíblia (LEITE, 2008, p.22), como encontramos na obra de Christine de Pisan.

O paralelismo constituído pelos diálogos das três partes de *La Cité des Dames* dá um ritmo particular à leitura do texto, e retrata a maneira didática e metódica como os relatos aparecem no livro, com a finalidade de doutrinar o leitor. As intertextualidades numerosas utilizadas são a reunião de diferentes discursos apresentados pelo narrador, que escolhe o que contar, e o leitor deve decifrar aquilo que se cala por trás das palavras. Percebe-se, desse modo, que para seu processo de escrita, a autora utiliza-se abundantemente da poesia: a redundância na repetição das histórias é concomitante à construção da moral e da boa conduta dos leitores.

No importante livro que escreveu em 1912 sobre *Le Livre des trois Vertus* da autora medieval, Mathilde Laigle (1912, p.120) declara que seria mais fácil constituir um embrião de tese feminista procurando fragmentos esparsos na *Cité des Dames*, onde a autora se arriscou a proclamar haver na mulher aptidões para a instrução iguais às do homem e, conseqüentemente, direito igual. Segundo Laigle (1912, p.123), o que Christine prega não é a queixa, a rebelião contra as leis e usos estabelecidos, é a energia pessoal, o esforço constante para fazer frente ao mal; evitá-lo, se possível, atenuá-lo, se não for possível aniquilá-lo, ou sofrê-lo com coragem, se ele for mais forte que a vontade humana.

Enfim, tendo começado a escrever dedicando-se a baladas de amor para sustentar a família, Christine de Pisan tornou-se logo escritora profissional, graças a seus grandes conhecimentos de história, de direito, de educação. A isso deve-se o interesse que cedo manifestou pela condição da mulher de seu tempo, dedicando-se a livros de ficção sobre a educação. Utilizando procedimentos literários que eram comuns aos escritores e poetas da Idade Média, Pisan dedicou-se a obras nas quais procurou ressignificar o conteúdo daquelas que foram escritas por homens, e que valorizavam o estamento social patriarcal, no qual as mulheres

ocupavam insignificante ou nenhuma posição. Em *La Cité des Dames*, de 1405, narrativa escrita para opor-se aos autores medievais, foi possível reconhecer características que são encontradas em obras modernas e contemporâneas que foram chamadas narrativas poéticas. Assim sendo, procuramos neste artigo realizar leitura da narrativa medieval, buscando nela a presença da autora, narradora, protagonista, personagens, tempo, espaço como funções bem características das narrativas poéticas. Esses elementos vão construir uma obra híbrida, desde que encontramos ao mesmo tempo no texto o emprego do mito, do trabalho com a composição, com a linguagem poética que se aproxima autodos poemas. A leitura que procuramos fazer aqui ofereceu à análise uma visão aparentemente moderna de uma obra de autoria feminina medieval.

THE BOOK OF THE CITY OF LADIES: A UTOPIAN POETIC NARRATIVE

ABSTRACT: *The Book of the City of Ladies was published in 1405 by the Italian-French author Christine de Pisan, born in 1364 at Venice. She moved to Paris with her parents in 1368, to the court of Charles V, king of France where she was educated by her father and the maternal grand father in order to have continuous studies and increase her knowledges. In some way her life wil be mixed up with her writings as far as the misogynists coercions, injustices and attacks that she certainly suffered in the patriarchal society where she lived, are reflected in her extensive literary works. She has fought incessantly to defend a different society for women, a utopian world as it was projected in the Book of the City of Ladies.*

KEYWORDS: *Christine de Pisan. Feminism. Utopia. Middle Age.*

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. L. A cidade do Devir na Utopia de Thomas Morus. **Geographia**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 2003.

CALADO, L. E. de F. La cité des dames: utopia e gênero. **Leitura** - Literatura e utopia., Maceió, n. 32, p.17-28, jul./dez. 2003.

CURTIUS, E.R. **Literatura Europeia e Idade Média Latina**. Tradução de Teodoro Cabral (com colaboração de Paulo Rónai). São Paulo: EdUSP, 2013.

DELALA, S. La place à prendre: Christine de Pizan ou l'auteur comme fonction-lecteur. **Fabula recherche en littérature**, 2019. Disponível em: <<https://www.fabula.org/colloques/document6267.php>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

JONSSON, E. M. **Le miroir**: naissance d'un genre littéraire. Paris: Les belles lettres, 1995.

LAIGLE, M. **Le Livre des Trois Vertus de Christine de Pisan et son milieu historique et littéraire**. Paris: Champion Éditeur, 1912.

LEITE, L. **Christine de Pizan**: uma resistência na aprendizagem da resignação. 2008. 228f. Tese (Doutorado em Língua e literatura francesa e Estudos medievais) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LOPES, C.R.R. Representações das masculinidades no Medievo. ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 9., 2020. **Anais...** Mossoró: ANPUH-RS, 2020. p.1-11. Disponível em: < Microsoft Word - 1210279096_ARQUIVO_ArtigoANPUH-RS2008.doc > . Acesso em 06 jun. 2019.

LORRIS, G. de; MEUNG, J. de. **Le roman de la rose**. Traduction en français moderne par André Lanly. Paris : H. Champion, 1975.

PAQUOT, T. **A Utopia**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Difel, 1999.

PINTAR, K.C. La Cité des Dames: memórias da clausura e a (re)significação do espaço pela narrativa poética. **Intertexto**, Uberaba, v.13, n.2, 2020.

PIZAN, C. de; **Épître d'Othéa**. Préface de Jacqueline Cerquiglioni-Toulet ; traduction de Hélène Basso. Paris : PUF, 2008.

_____. **La Cité des Dames**. Traduction de Therese Moreau et Eric Hicks. Paris: Éd. Stock, 2000.

_____. **Le livre du chemin de long estude**. Publié pour la première fois d'après sept manuscrits de Paris, de Bruxelles et de Berlin par Robert Püschel. Genève: Slatkine, 1974.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Edson Bini. 3. ed. São Paulo: Edipro, 2019.

TADIÉ, J.-Y. **Le récit poétique**. Paris: PUF, 1978.

